

Batucatudo:

explorando sonoridades por meio
de instrumentos de percussão

Josué de Oliveira(UFRGS)
josuedeoliveira@hotmail.com

Tiago Oliveira(UFRGS)
tiago.oliveira@ufrgs.br



Resumo: Neste trabalho apresentamos algumas propostas elaboradas com o intuito de contemplar a utilização dos instrumentos de percussão tradicionais e/ou alternativos, como ferramenta ativa no processo de musicalização, no ensino de música nas séries iniciais do ensino fundamental. As atividades foram concebidas, visando proporcionar a livre manipulação dos instrumentos por parte dos alunos, construindo de forma empírica as associações entre a produção sonora dos estudantes e os conceitos de altura, intensidade, duração e timbre.

Palavras-chave: percussão; ensino fundamental; exploração sonora.

DrumAll: exploring sonorities through percussion instruments

Abstract: *This research introduces some proposals developed in order to observe the use of traditional and / or alternative percussion instruments as an active tool in the process of promoting musical knowledge in first degrees in a elementary education. We have designed the activities based on the free handling of instruments by the students, establishing empirically the associations between the sounds produced and the concepts of pitch, sound intensity, duration and timbre.*

Keywords: *percussion; elementary education; sound exploration.*

Afinal, o que são instrumentos de percussão?

São instrumentos executados sacudindo-se ou percutindo-se uma membrana, placa ou barra de metal, madeira ou outro material rígido. Um instrumento que produz som por intermédio de uma membrana é um MEMBRANOFONE; um instrumento cujo som é produzido a partir de seu próprio corpo em vibração é um IDIOFONE. Ainda temos os CORDOFONES, instrumentos que produzem som percutindo-se uma ou mais cordas e os AEROFONES, que produzem som utilizando-se do ar como agente vibratório básico.

Nas mais diversas manifestações da música popular em nosso país e ao redor do mundo, é muito raro encontrarmos algum grupo que não tenha um músico responsável pela bateria e/ou pela percussão. Na cultura brasileira, temos outras formações onde os instrumentos de percussão aparecem de forma majoritária como, por exemplo, nas nações de maracatu e nas baterias das escolas de samba.

A informação visual ou sonora destes instrumentos está muito presente em nosso cotidiano, porque somos colocados em contato com a música nos mais diferentes ambientes. Esta escuta acaba nos levando a ações reflexas das mais diversas como, por exemplo: bater o pé, tocar instrumentos imaginários, tocar bateria ao volante do carro, fazer samba com caixa de fósforos, no tampo de uma mesa, transformando um caderno em pandeiro, canetas e lápis em baquetas, etc.

E por que utilizar instrumentos de percussão na escola?

Uma das respostas a esta pergunta é a ludicidade, já que orientamos os alunos para que eles aprendam de forma empírica, experimentando as sonoridades dos instrumentos, se divertindo com os resultados de sua pesquisa. Ao estimular sua curiosidade para novos desafios e metas que já estejam em sua mente, tornamos o processo educativo muito mais interessante para os estudantes e também para os professores envolvidos.

Outra resposta à pergunta se refere à produção do som, já que esta envolve, em sua maioria, instrumentos que serão manipulados por uma ou duas mãos. Desta forma, os simples atos de percutir, friccionar ou agitar são capazes de trazer ao estudante um resultado sonoro bastante satisfatório, criando, junto aos alunos, o prazer de tocar algo que tenha realmente um som parecido com o que eles estão acostumados a escutar em suas músicas favoritas.

É possível construir muitas vezes uma forma pessoal de tocar determinados instrumentos. Segundo Pacheco (2007, p.92), “aprender a tocar um instrumento não significa apenas dominar as técnicas de execução sob a orientação de alguém, mas, sim, inventar formas de executar”. A partir desta experiência pessoal, é possível desenvolver com as crianças belíssimos trabalhos de composição, onde elas podem expressar tudo o que consideram relevante em sua prática musical. Os instrumentos de percussão lhes proporcionarão uma grande liberdade na execução, além da diversidade de timbres disponíveis.

“Os instrumentos de percussão contemporânea englobam tudo aquilo que pode produzir som. Uma folha de zinco ou qualquer (objeto) produtor de som pode ser interpretado como instrumento potencial.” (Boudler, 1996, p.17)



Os educadores podem experimentar em classe a seguinte atividade, que tem o objetivo de despertar a curiosidade dos alunos para a experimentação sonora e dos objetos cotidianos que podem se tornar instrumentos musicais.

Atividade:

Perguntem aos alunos se existe algum instrumento de percussão na sala de aula.

A primeira reação deles será olhar em volta, procurar, perguntar se o professor não está tendo algum tipo de vertigem...

Talvez algum aluno bata sobre a carteira, então, ponto para ele! E era só isto que tinha de material em classe? E aquele cesto de lixo ali no canto... é um ótimo tambor.

E o balde da limpeza, também seria ótimo, assim como os espirais dos cadernos que dão um belo reco-reco.

Ou seja, queridos professores, deixem sua imaginação criar novas sonoridades junto com a sua turma... será muito bom!!!



Entre surdos, ganzás, triângulos e tamborins...

O **surdo** é um tambor cilíndrico de grandes dimensões e som profundamente grave, tipicamente feito de madeira ou metal e que possui pele em ambos os lados.



As atividades aqui propostas utilizarão estes quatro instrumentos de percussão, devendo o professor mediar a livre experimentação dos instrumentos por parte dos alunos.

O **tamborim** é um instrumento de percussão constituído de uma membrana esticada em uma de suas extremidades, sobre uma armação, sem caixa de ressonância. É normalmente confeccionado em metal, acrílico ou PVC.



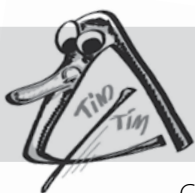
O **Ganzá** é um tipo de chocalho geralmente feito de um tubo de metal ou plástico em formato cilíndrico e preenchido com areia, grãos de cereais ou pequenas contas.





Rodrigues, Fernandes e Nogueira (2001) destacam a importância da experimentação sonora pelas crianças utilizando instrumentos musicais tradicionais ou instrumentos musicais alternativos. Para os autores, “a criança pode fazer descobertas e experiências musicais com todos os instrumentos que dispõe”, sendo que esta prática exploratória acaba desempenhando um papel importantíssimo no desenvolvimento do estudante, que tem estimulada sua “curiosidade musical”, além da “vontade de tocar, de descobrir e de experimentar livremente” (Rodrigues, Fernandes e Nogueira, p. 25).

Durante esta fase, os alunos desenvolvem o controle sobre a produção sonora dos instrumentos que vêm experimentando, estabelecendo vínculos lógicos entre instrumentos similares.



O **triângulo** é um instrumento musical feito de metal – ferro ou aço - e muito utilizado nos gêneros nordestinos como baião, coco, xaxado e etc.

Caso a instituição de ensino não tenha os instrumentos necessários, é possível construir instrumentos musicais alternativos, utilizando materiais recicláveis ou objetos de uso doméstico como uma frigideira ou um balde plástico.



Vídeos para pesquisar:

Baião, Coco, Maracatu, Samba, Tambor de Criola, Xaxado, Xote.

Do mais fraquinho ao mais FORTÃO...

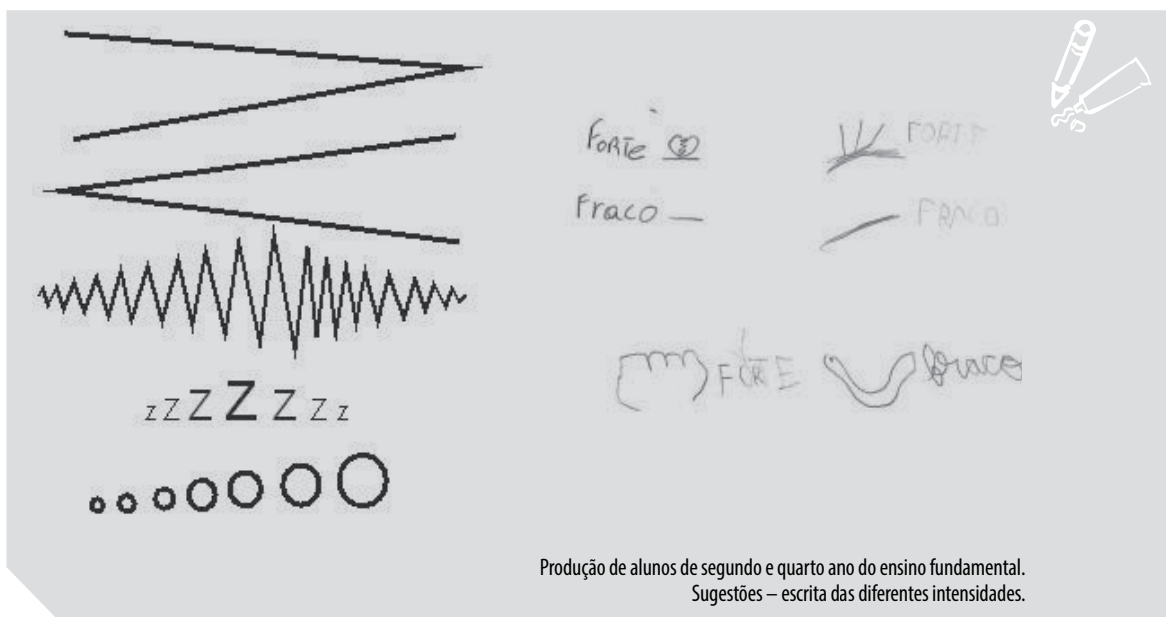
As gradações entre sons fracos e fortes em música recebem o nome de dinâmica, ou seja, uma forma de estabelecer a relação entre as variações de intensidade que devem ocorrer durante a composição, a improvisação ou a execução de uma peça musical. Esta variação de intensidade é percebida comumente pela força empregada pelos estudantes ao percutir os instrumentos.

Podemos dividir o trabalho em classe com os alunos em duas partes distintas: a primeira em que o professor combina com a turma uma série de sons, que deve ser tocada de forma contínua e estabelece alguns gestos para que a gradação de intensidade possa variar entre sons mais ou menos intensos. O professor também pode criar outro gesto para definir qual grupo de instrumentos deverá tocar, por exemplo: definir os grupos, por meio de números feitos pela mão esquerda do professor. Faz-se necessário também combinar algum gesto para que o grupo pare de tocar (pausa).

Em um segundo momento, o professor divide a turma em grupos e deixa que eles desenvolvam um trabalho livre de improvisações, a partir do que foi realizado anteriormente, porém com total autonomia para que os alunos experimentem todas as possibilidades de variações de intensidade que conseguirem executar.

A seguir, alguns exemplos de ideias de notações analógicas, que podem ser produzidas em atividades posteriores para os professores desenvolverem com os alunos, assim como, exemplos de notações criadas por alunos:

Sugerimos a audição do *Bolero*, de Maurice Ravel, como exemplo de variação de intensidade para a turma.



Produção de alunos de segundo e quarto ano do ensino fundamental.
Sugestões – escrita das diferentes intensidades.

- Quem sabe o que é altura?
 - É quando o som é mais... forte, né, profe???
- E o que é intensidade, vocês lembram?
 - Ahhh... é mesmo...

Esta é uma confusão comumente vinculada à linguagem, onde, por exemplo, a mãe pede para *baixar* o volume da televisão, porque está *alto* demais. Isto é muito comum, pois nunca escutamos: por favor, diminua a intensidade sonora do televisor. Então, a pequena troca de sentido nestas duas palavras pode atrapalhar os estudantes em um primeiro momento, mas nada melhor do que vivenciar a diferença entre altura e intensidade, para estas dúvidas serem dissipadas.

Na atividade anterior foi possível demonstrar um pouco do trabalho que pode ser realizado com as crianças para que elas desenvolvam esta competência de tocar em diferentes patamares de intensidade. Agora, vamos nos deter em uma característica muito importante do som, pois com ela possibilitaremos aos estudantes construir futuramente melodias, contracantos e harmonias, ampliando os limites de sua capacidade criativa.



A altura é a frequência com que a onda sonora faz o ar vibrar a cada segundo. Em música damos o nome de grave para os sons com frequência mais baixa e de agudos para os sons com frequência mais alta.

Tamanho não é documento, mas...



No caso dos instrumentos de percussão, o tamanho está geralmente ligado à frequência que o instrumento produz som, sendo que os instrumentos de maior porte produzem sons mais graves e os menores, sons mais agudos.

Os quatro instrumentos sugeridos para as atividades têm altura indefinida, porém com o surdo e o tamborim temos a possibilidade de modificar sua afinação aumentando ou diminuindo a tensão das peles dos instrumentos.

Propomos uma atividade de composição utilizando sons graves e agudos, onde os alunos possam explorar livremente esta dimensão sonora. As composições são iniciadas utilizando apenas dois instrumentos, um grave e um agudo e, progressivamente, devemos chegar a utilizar todos os quatro instrumentos no processo de composição. Precisamos tomar cuidado de deixar os alunos trabalharem livremente, com o mínimo de interferência. Com o passar do tempo, sentindo-se mais à vontade e confiantes com este tipo de atividade, eles poderão desenvolver notações adequadas às suas composições.

A criação de seus próprios códigos para sons graves e agudos torna possível aos alunos escreverem suas composições, enriquecendo de forma incrível o trabalho em sala de aula.

Legenda

- Grave – seta para baixo
- Agudo – seta para cima
- Fraco – círculo na base da seta
- Forte – círculo na cabeça da seta
- Som longo – traço grande dentro da seta
- Som curto – traço curto dentro da seta
- Pausa longa – traço horizontal longo
- Pausa curta – traço horizontal curto

Figura 7 - Trabalho de aluno do quarto ano do ensino fundamental

Atividade surpresa - afinar os tamborins em três alturas diferentes, e propor que os alunos trabalhem também com um som médio, inserindo o conceito de linha e notas abaixo, sobre e acima da linha:

Experimentações sonoras

O canal *Experimentasons* é um ótimo material para se utilizar em sala de aula com os alunos, mostrando possibilidades de produção sonora com diversos tipos de materiais.



Contando, batendo e agitando... quanto tempo tem que tocar mesmo?

Esta atividade tem como objetivo principal, fazer com que os estudantes percebam e internalizem a contagem de tempos e, a partir daí, consigam estabelecer as relações de subdivisão dos ritmos. Novamente, o incentivo para que o aluno desenvolva alguma forma de grafia para sons longos e curtos é de vital importância, pois é a partir da lógica na construção de sua "partitura" que ele vai desenvolver a sua própria forma de tocar. Até este momento, ainda não sabemos o quão longo é o som de maior duração e nem o quão curto é o som de menor duração. Esta decisão composicional é exclusiva do aluno, lembrando que em momento algum tocamos no assunto notação musical tradicional.



Figura 4 - exemplos de notações analógicas para representar sons curtos ou longos

Após estabelecer os critérios de escrita de sons curtos e longos, os alunos devem compor algo e executar para os colegas presentes. As próximas composições, a participação de mais colegas é incentivada, exercitando, assim, o trabalho em equipe e a prática com conjuntos instrumentais. Sugerimos separar os grupos de forma que se tenha sempre a maior variedade de instrumentos possíveis, dentro dos que foram pensados para as atividades do presente artigo.

Por questões de sonoridade, os surdos são capazes de sustentar notas por mais tempo, ficando a cargo dos outros instrumentos as notas mais curtas. Caso o professor sinta que a turma é capaz de trabalhar com subdivisões de duas notas por tempo ou quatro notas por tempo, mãos à obra e vamos trabalhar com estas novas possibilidades rítmicas! Mas nunca devemos apressar o desenvolvimento da turma. Se alguns alunos conseguirem desempenhar estas atividades referentes à duração com maior desenvoltura, convide-os para serem seus ajudantes, fazendo com que eles ensinem o que já assimilaram para seus colegas.

Em busca dos timbres escondidos...

Nesta atividade, cabe ao professor a confecção de uma série de ganzás gêmeos, com diferentes tipos de materiais em seu interior, lembrando que o “recheio” deve ter exatamente a mesma quantidade do material escolhido.

O objetivo geral é criar um jogo da memória, utilizando a escuta ativa do aluno. Isto faz com que ele desenvolva sua capacidade de memória auditiva, além da já conhecida memória visual, que é amplamente beneficiada com este tipo de atividade lúdica. Sugerimos iniciar a atividade com poucos ganzás e, progressivamente, inserir um maior número, tornando o jogo mais complexo.



Mãos à obra: os ganzás podem ser feitos com latas, recipientes de iogurte, copos de requeijão, entre outros, preferencialmente com o mesmo tamanho e formato, de modo a manter o anonimato de todos os instrumentos. Decorá-los de alguma forma é uma boa solução também. O importante é que eles fiquem todos com a mesma aparência, por isto a sugestão de utilizar recipientes iguais.

Os ganzás confeccionados devem ser utilizados normalmente em outras atividades musicais, enriquecendo bastante as possibilidades em sala de aula, visto que é um instrumento fácil de confeccionar e muito útil na prática musical das crianças.



Podemos agora nos deter no uso de grãos na confecção dos ganzás deste jogo da memória, lembrando que é importante manter a mesma quantidade nas duas latas que receberão os grãos de mesmo gênero.

Além da utilização de grãos, é possível utilizarmos diversos materiais para a construção dos instrumentos. Colete as ideias da turma e experimente com ela as mais variadas opções de objetos que podem ser colocados no interior dos ganzás, tornando a experimentação muito mais rica e desafiadora para todos. Experimente também materiais iguais, porém com quantidades diferentes dentro de alguns instrumentos. O importante é manter a mente aberta para as propostas dos alunos e, em contrapartida, oferecer-lhes uma aula divertida e criativa.

Sugestões de grãos:

Amendoim;
Arroz;
Canjica;
Feijão preto;
Feijão branco;
Feijão vermelho;
Feijão carioquinha;
Feijão azuki;
Grão de bico;
Gergelin;
Lentilha;
Milho;
Soja;
Entre outros;

Considerações finais

Neste artigo, procuramos ampliar um pouco as discussões a respeito do uso da percussão na aula de música do ensino fundamental. Apesar das atividades terem caráter lúdico, a ampliação da discussão sobre o uso desta família de instrumentos musicais é extremamente importante, pois muitas vezes acabamos por subutilizar as possibilidades expressivas e educativas dos instrumentos de percussão, deixando-os marginalizados dentro do escopo da educação musical.

Esperamos que os professores consigam disseminar as atividades propostas e fazer com que seus alunos percebam que a música pode ser feita apenas com algo que produza som e a ideia do som que se quer produzir. Que possam incentivá-los a tocar em conjunto, improvisar, aprender levadas de música popular brasileira, tocar junto com gravações de suas músicas favoritas, enfim, se entreter com a música. Pois a música tem que divertir os alunos para que eles tenham interesse em desempenhar um papel mais ativo dentro de sala de aula.

Para saber mais

Chamone, M. E. O gesto musical nos métodos de percussão afro-brasileira. Dissertação de mestrado, Escola de Música, UFMG, Belo Horizonte, 2008.

Paiva, R. G. *Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem destes instrumentos*. Dissertação de mestrado, Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2004.

Bartolini, C. Propostas para o ensino da percussão utilizando ritmos e instrumentos étnicos brasileiros. Dissertação de mestrado, UFPR, Curitiba, 2011.

Pesquise também

Mircea Ardeleanu - Naná Vasconcelos - Stomp - Monobloco - Blue Men's Group - Olodum - Barbatuques



Referências

RODRIGUES, A.; FERNANDES, J. N.; NOGUEIRA, M. *Música na escola: instrumentos e expressão sonora*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação/Conservatório Brasileiro de Música, 2001.

PACHECO, E. G. *Pedacursão: uma experiência de formação em educação musical na pedagogia*. Cadernos de Educação. Pelotas, v.29, p.89-104, 2007.

PAIVA, R. G. *Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 15, 2005, Rio de Janeiro. Anais ANPPOM 2005, p.1188-1195.

BOUDLER, J. Batucada erudita. *Revista Arte Sonora*. Londrina, v.0, p-6-11, 1996.